

## Duas efemérides brasileiras

por Mário Soares

Como talvez alguns leitores se lembrem, em 7 de Setembro de 1994, sendo Presidente da República, proferi um discurso na Embaixada do Brasil, em Lisboa, quando era embaixador José Aparecido de Oliveira, inesquecível amigo de Portugal e da Lusofonia, na presença do Ministro Ivan Serpa, representante especial do então Presidente Itamar Franco, em que reabilitei, em nome de Portugal, a memória do Tiradentes, o “animoso alferes” Joaquim José da Silva Xavier, como lhe chamou a grande poetisa brasileira, Cecília Meirelles, no seu “romance da Inconfidência”.

Este gesto simbólico teve uma enorme repercussão no Brasil, dado que o Tiradentes é considerado “mártir da independência e patrono cívico da Nação Brasileira”, como se escreve no “Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)”.

Com efeito, o Tiradentes nasceu em 1746 numa fazenda entre São José (actual Tiradentes) e São João Del Rei no Estado de Minas, filho de um português, antigo vereador, Domingos da Silva Santos e de uma brasileira de seu nome Antónia da Encarnação Xavier. Tendo ficado órfão de pai e mãe, aos 11 anos, foi criado pelo padrinho que era cirurgião e lhe ensinou uns rudimentos de medicina. Daí o sobrenome de Tiradentes. Assentou praça no regimento de Minas e em 1781 foi nomeado por D. Maria I comandante de patrulha do “Caminho Novo”, principal rota do ouro e dos diamantes que vinham de Diamantina e doutras cidades mineiras até Parati e, depois, Rio de Janeiro, donde seguiam, em caixas seladas, para Portugal. Hoje esse velho caminho, entre montes e vales esplêndidos, está a ser reconstituído com o nome de Estrada Real, atracção turística, histórica e artística, visto que atravessa várias cidades, cada uma com o seu artesanato e gastronomia próprios e lindíssimas igrejas barrocas, recuperadas em todo o seu esplendor, mesmo as mais modestas, as “igrejas dos escravos”. Nesse tempo faziam-se essas distinções anti-cristãs...

Tiradentes, foi o mais destacado dos “insurgentes” contra a Coroa Portuguesa, foi preso, julgado e condenado, por uma “alçada especial” de juizes vinda de Lisboa, condenado à morte na forca como dez dos seus companheiros. Mas foi o único cuja pena não foi comutada, talvez pela coragem como assumiu as suas responsabilidades e reivindicou os seus ideais, inspirados na independência americana. Foi enforcado, decapitado e a seguir esquartejado, a 21 de Abril de 1792 – hoje feriado nacional em todo o imenso Brasil - a sua casa foi arrasada e salgada, como era de regra, e o seu nome infamado. Tornou-se, assim, um verdadeiro mito fundador do Brasil, hoje com a sua efígie afixada em todas as repartições públicas.

213 anos depois deste infeliz acontecimento, fui convidado pelo Governador de Minas Gerais, Aécio Neves, um político extremamente promissor, a participar, como orador principal, na cerimónia solene de evocação de Tiradentes. Obviamente por ter reabilitado a sua memória, na linha aliás do Presidente António José d’Almeida que quando foi ao Brasil em 1922 – um século após a independência – “agradeceu aos brasileiros terem-se tornado independentes”. Tiradentes foi este ano associado aos vinte anos da retomada do processo democrático brasileiro. Tratou-se, pois, de uma dupla comemoração. A evocação de Tiradentes foi feita conjuntamente com a de outra figura paradigmática, também de Minas, mas da modernidade: Tancredo Neves, presidente eleito do Brasil, após a “longa noite” da ditadura militar. Contudo, Tancredo, não chegou a assumir as suas altas funções por ter inesperadamente falecido, como alguns leitores se lembrarão.

Foi esse um momento de grande vazio – e orfandade - na história do Brasil moderno. Vivi intensamente essa situação crítica, porque me encontrava em Brasília para assistir à posse de Tancredo Neves, que infelizmente, pelas razões invocadas, não se chegou a realizar. Finalmente, assumiu a presidência, o Vice-Presidente eleito, José Sarney, querido amigo e grande escritor, que voltei a encontrar agora em Minas, e que tanto contribuiu, desde então, para a estabilidade política e para a consolidação da democracia brasileira.

A cerimónia festiva deu-me ainda a oportunidade de encontrar inúmeras personalidades políticas, culturais e religiosas brasileiras: os ministros Luiz Soares Dulci, da Presidência, e António Palocci, da Fazenda, o Presidente do Congresso Federal, Renan Calheiros e vários governadores de

diferentes Estados do Brasil como o de São Paulo, Geraldo Alckmin. Tive, assim, ocasião, graças ao convite do Governador Aécio Neves, de tomar o pulso ao Brasil de hoje, cujo dinamismo económico é impressionante, Obviamente que o imenso Brasil tem ainda grandes manchas de pobreza, sobretudo nas megalópolises e em certas regiões do Nordeste. Mas está a crescer 6,5% ao ano – mais do dobro do crescimento da América do Norte – tem a inflação controlada e uma balança comercial com grande superavit. A China tem sido um grande comprador dos seus produtos: da soja e os citrinos a aviões de vários tipos. O Brasil transformou-se no líder indiscutível da Ibero-América, país candidato a membro permanente do Conselho de Segurança da ONU e um dos grandes Estados emergentes, em tempo de globalização, como a China, a Índia, a Malásia ou a África do Sul.

Para um português é consolador – e motivo de orgulho – sentir latejar o progresso do Brasil, em todos os domínios – político, económico, social, cultural e tecnológico – e o prestígio mundial de que goza o Presidente Lula, apesar da contestação interna que sofre da parte daqueles que pensam que as reformas sociais podem acontecer de um dia para o outro. Não é assim. Mas o Brasil – penso – está firmemente no bom caminho. Os portugueses deviam tentar conhecer melhor a realidade brasileira. Por todas as razões e, dada sobretudo, a incontestável fraternidade luso-brasileira. Uma curta estadia no Brasil, não exclusivamente turística, faz bem ao ego de qualquer português, porque o Brasil, de todos os pontos de vista, é motivo de um grande orgulho para Portugal.

Mário Soares

Lisboa, 3 de Maio de 1005